

Não faz a Igreja gestos vãos
a defender as ladroeiras:
enquanto Deus nos prende as mãos,
passam-nos busca às algibeiras...

Enfim, enfim:
isto terá ou não um fim? } *bis.*

Um dia, rútilos clarões
enchem de luz o meu tugúrio:
bato-me então contra os canhões,
sob o pendão quente e purpúrio.

Enfim, enfim:
isto terá ou não um fim? } *bis.*

Fomos vencidos, e ao covil
voltei exangue, esfarrapado...
Morrámos, sim, que o mundo é vil;
toca a dormir, que estou cansado...

Enfim, enfim:
isto terá ou não um fim? } *bis.*

Carne de horror, cadaver nu,
cadaver nu, chama à revolta:
que um dia pobres como tu
hão-de por fim andar à solta...

Ah! sim. Ah! sim,
isto há-de um dia ter um fim! } *bis.*



Maus pastores

Não esquecendo as *notabilidades* que ali se evidenciaram, o Sr. Hemetério Arantes declarou, na Liga Naval, que «todo o mal nos advem do parlamentarismo e que ele tem sido a causa da decadência nacional».

Muito bem. E, depois? perguntará o leitor; que antepôr-lhe? Conferente Hemetério disse-nos barbaridades, embrulhou o seu absolutismo com a opinião de Maeterlinck, acabando por uma reverência ao analfabetismo em vez de parlamentarismo.

E foi tudo. Vê-se que não está mais farto nem lhe sofre mais as funestas conseqüências do que nós. Quer pastorear, e é tudo.

13 de Fevereiro

Ao passar esta data, recordou-se por aí que «bastantes operários ainda foram gèmer e agonizar entre os maiores horrores no presídio de Timor, para o que bastava dizerem-se anarquistas».

E hoje? Que o diga a Comissão Pró-Presos por Questões Sociais, já que cada um não o quer ou não pode dizer de per si.

Como os cogumelos

É como nascem os *revolucionários civis*, cá neste rincão. A última fornada, que o parlamento reconheceu com direito à espórtula, foi de 34. Porcos que foçam pela gamela... porquinhos que os alimentam à nossa custa.

Demente

O Sr. Dr. Lopes de Oliveira (autor do livro anarquista *A Justiça e o Homem*, 1905), numa sessão em honra da França, apelou para que o govêrno inicie nas escolas a propaganda da guerra. Abrimos o seu livro ao acaso, e a pág. 117 lêmos: «A Paz não se fará pela guerra, a Paz há-de vir da própria Paz, do nosso espírito, do nosso coração».

...E logo a vontade nos sobejou para reeditar para aqui todas as páginas do livro, para o oferecer ao próprio autor.

Do mesmo

«...para que Portugal cumprisse o dever histórico, foi preciso que se fizesse uma revolução; que nas ruas da cidade corresse, como correu, o sangue generoso do povo».